



Homilia de D. Andrés Carrascosa,
Núncio Apostólico em Portugal
na Celebração Eucarística na Catedral de Viseu
(Viseu, 4 de outubro de 2026)

Queridos irmãos e irmãs,

É para mim uma grande alegria celebrar convosco esta Eucaristia, nesta Igreja Catedral de Viseu, depois de ter tido a oportunidade de me encontrar com tantos leigos desta Diocese.

Trago-vos, antes de mais, a saudação, a oração e a proximidade do Santo Padre Leão XIV. E agradeço muito cordialmente ao Senhor Bispo, D. António Luciano, o convite para estar convosco e, de modo particular, por me ter proporcionado este encontro com os leigos da Diocese.

Ontem, muitos de vós estivestes em Fátima, na peregrinação diocesana. Fostes como Igreja particular, como comunidade, como povo que caminha. Sim. Somos um povo que caminha, mas não caminha sem rumo; caminhamos juntos para o Senhor e com o Senhor.

Ontem, em Fátima, peregrinos. Hoje, nesta Catedral, somos novamente convocados pelo Senhor. Ontem peregrinaram até Maria. Hoje Maria ajuda-nos a caminhar com Cristo. Ontem levaram a Fátima as suas intenções, as suas famílias, as suas alegrias, preocupações e esperanças. Hoje colocamos tudo isso sobre o altar. E o Senhor pergunta-nos: que frutos produzirá aquilo que celebrámos?

1. A vinha do Senhor

A liturgia de hoje apresenta-nos uma imagem muito bonita e muito exigente: a vinha. Isaías canta a história de um amigo que plantou uma vinha com todo o cuidado. Preparou a terra, escolheu uma boa cepa, construiu uma torre, fez tudo o que estava ao seu alcance. E, contudo, quando chegou o momento de colher os frutos, encontrou apenas uvas bravas.

No Evangelho, Jesus retoma a mesma imagem. Um homem plantou uma vinha, cercou-a, construiu nela um lagar e uma torre e confiou-a a uns vinhateiros. A vinha é preparada. A vinha é cuidada. A vinha é confiada. Mas há um problema: os vinhateiros esquecem-se de que a vinha não lhes pertence.

E esta é uma das grandes tentações de qualquer comunidade cristã: esquecer que a Igreja é do Senhor. Não é nossa. A Diocese não é propriedade do Bispo. A paróquia não é propriedade do pároco. Um movimento não é propriedade do seu responsável. Um grupo não é propriedade dos seus membros. A Igreja é de Cristo. Nós recebemos uma vinha que não nos pertence e somos chamados a cuidar dela para que dê fruto.

2. Uma Diocese que caminha

E aqui podemos compreender melhor o caminho pastoral da Diocese de Viseu. Uma Igreja diocesana não pode viver simplesmente olhando para aquilo que já fez. A pergunta fundamental não é apenas: “O que fizemos?” Mas: “Que frutos estamos a dar?” Não basta ter estruturas. Não basta ter atividades. Não basta preencher calendários. Não basta manter aquilo que sempre se fez. Precisamos de comunidades vivas, capazes de anunciar Jesus Cristo, de acolher, de acompanhar, de servir e de enviar. E isso diz respeito a todos.

Por isso, o encontro que tivemos com os leigos não foi simplesmente mais uma reunião. Foi um momento de Igreja. Porque os leigos não são meros destinatários da ação pastoral. São protagonistas da missão da Igreja. Pelo Batismo, todos recebemos uma dignidade e uma missão. O Senhor não chamou alguns para trabalhar na sua vinha e deixou os outros simplesmente como espectadores. Todos recebemos uma parcela da vinha. Todos temos uma responsabilidade. Todos temos um dom. Todos podemos e devemos dar fruto.

3. O que significa ser leigo na Igreja?

Talvez devêssemos recuperar uma pergunta muito simples: O que significa ser cristão leigo? Não significa ser “menos cristão” do que o sacerdote ou o consagrado. Não significa ser apenas alguém que ajuda na paróquia.

Ser leigo significa viver a própria vocação baptismal no coração do mundo. A família é uma vinha. O trabalho é uma vinha. A escola é uma vinha. A cultura é uma vinha. A política, a economia, a comunicação social, a ciência, a educação, a saúde, a vida profissional e social são lugares onde o Evangelho deve poder lançar raízes.

O mundo não precisa apenas de cristãos dentro das igrejas. Precisa de cristãos que levem Cristo para dentro do mundo. Precisa de homens e mulheres que saibam unir a fé e a vida. Que sejam honestos quando ninguém os vê. Que defendam a dignidade humana quando isso lhes traz dificuldades. Que saibam perdoar. Que saibam servir. Que sejam capazes de trabalhar pelo bem comum. Que não tenham vergonha da sua fé. Que saibam testemunhar Cristo sem impor Cristo. Que saibam dialogar sem

renunciar à verdade. Que saibam acolher sem deixar de anunciar. É aqui que se mede a fecundidade da nossa vida cristã.

4. Fátima: peregrinos que regressam

Ontem muitas pessoas da diocese de Viseu estiveram em Fátima. Uma peregrinação não termina quando chega ao Santuário. Uma peregrinação verdadeira começa de novo quando regressamos a casa. É relativamente fácil ser cristão durante algumas horas num lugar santo. O desafio é sê-lo na segunda-feira.

É fácil rezar o terço em Fátima. O desafio é rezar em família. É fácil sentir emoção diante de Nossa Senhora. O desafio é reconhecer Cristo no irmão. É fácil cantar com milhares de peregrinos. O desafio é manter a esperança quando estamos sozinhos diante de uma dificuldade. É fácil acender uma vela. O desafio é deixar que a nossa vida se torne uma luz para alguém.

A peregrinação só produz fruto quando se transforma em caminho de conversão. Por isso, pergunto-vos hoje: Depois de Fátima, o que vai mudar na nossa vida? Que fruto vamos oferecer ao Senhor? Mais oração? Mais disponibilidade? Mais participação na comunidade? Mais cuidado pelos pobres? Mais atenção aos jovens? Mais acompanhamento das famílias? Mais compromisso na sociedade? Mais coragem para anunciar o Evangelho?

Se regressarmos de Fátima exatamente iguais, teremos feito uma viagem, mas não teremos vivido plenamente uma peregrinação.

5. “Que fizestes da minha vinha?”

No Evangelho, o proprietário envia os seus servos para recolher os frutos. E depois envia o próprio filho. É uma imagem que nos conduz diretamente a Cristo. Deus não se limita a pedir frutos. Deus entrega-nos o seu próprio Filho. Jesus é o Filho enviado à vinha. E nós sabemos o que acontece: os vinhateiros rejeitam-no.

Mas precisamente onde os homens rejeitam, Deus começa uma história nova. Jesus, a pedra rejeitada, torna-se a pedra angular. A Igreja nasce da Páscoa de Cristo. E nós somos incorporados nesta Igreja através do Batismo.

Por isso, a questão decisiva não é apenas: “Que fazemos pela Igreja?” É primeiro: “O que fazemos com aquilo que Cristo fez por nós?” Porque a nossa missão nasce da graça recebida. Não trabalhamos para conquistar o amor de Deus. Trabalhamos porque fomos amados. Não evangelizamos para sermos importantes. Evangelizamos porque recebemos uma Boa Nova que não podemos guardar apenas para nós. Não servimos para sermos reconhecidos. Servimos porque Cristo nos ensinou que o amor se faz dom.

6. A vinha precisa de todos

Queridos irmãos e irmãs,

A Diocese de Viseu precisa de todos. Precisa dos sacerdotes, evidentemente. Precisa da vida consagrada. Precisa dos diáconos. Precisa das famílias. Mas precisa também, e muito, dos leigos. Precisa de leigos formados na fé, leigos espiritualmente maduros, capazes de assumir responsabilidades. Precisa de leigos presentes na sociedade, de leigos que não tenham medo de testemunhar. Precisa de jovens que descubram que a Igreja não é apenas uma herança recebida dos seus pais, mas uma missão que também lhes pertence. Precisa de adultos que acompanhem os jovens. Precisa dos idosos, cuja oração e experiência são uma riqueza insubstituível. Precisa de famílias que sejam verdadeiras escolas de fé. Precisa de comunidades capazes de acolher quem chega e de procurar quem se afastou.

A vinha é grande. Ninguém é dispensável. E cada um deve perguntar: Senhor, qual é o meu lugar na tua vinha?

7. “Tudo o que é verdadeiro... é isso que deveis praticar”

Na segunda leitura, São Paulo oferece-nos uma chave preciosa: “Tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, tudo o que é virtuoso e digno de louvor, é o que deveis ter no pensamento.” E acrescenta: “Ponde em prática o que aprendestes.”

Aqui encontramos uma palavra essencial: A fé cristã não pode permanecer apenas nas nossas palavras. Tem de passar para a nossa vida. O cristão é chamado a ser uma pessoa cuja fé se vê. Não necessariamente porque fala muito de Deus, mas porque a sua maneira de viver deixa transparecer Deus. A nossa sociedade precisa de testemunhas. Precisa de cristãos coerentes. Precisa de homens e mulheres que mostrem que é possível viver a verdade sem agressividade, servir sem procurar protagonismo, ter convicções sem desprezar os outros, defender a dignidade humana sem excluir ninguém.

A evangelização começa muitas vezes muito antes das palavras. De facto, São Francisco de Assis pedia aos seus frades: *“Anunciem o Evangelho em todos os momentos e, se necessário, usem também as palavras”*. A evangelização começa na maneira como tratamos as pessoas, na maneira como trabalhamos, como usamos o dinheiro, como educamos os filhos, como falamos dos outros ou como enfrentamos as dificuldades. Uma vida coerente é uma das formas mais fortes de evangelização.

8. “Nada vos preocupe”

São Paulo diz-nos ainda: “Nada vos preocupe; mas, em todas as circunstâncias, apresentai a Deus as vossas necessidades, pela oração, súplica e ação de graças.” Não é uma frase ingénua. Paulo sabe o que significa sofrer. Sabe o que significa enfrentar dificuldades. Mas sabe também onde colocar o coração.

Isto é especialmente importante para uma Diocese como Viseu, que vive desafios pastorais concretos: comunidades que envelhecem, falta de vocações, distâncias, mudanças sociais, jovens que procuram novos caminhos, famílias confrontadas com tantas dificuldades. Não devemos negar os problemas. Mas também não podemos permitir que os problemas nos roubem a esperança. A Igreja não vive da nostalgia. Vive da esperança.

Não podemos passar o tempo a dizer: “Antigamente havia mais gente, mais jovens, mais vocações, mais atividade...” Talvez seja verdade. Eu costumo dizer que o Livro das Lamentações está já completo. Agora a pergunta cristã é outra: “Senhor, o que queres fazer hoje através de nós?”

9. Uma Igreja que dá fruto

A vinha do Senhor não existe para si mesma. Existe para dar fruto. E quais são os frutos que o Senhor espera de nós? São Paulo dá-nos algumas pistas: verdade, justiça, pureza, bondade, reconciliação, paz. Poderíamos acrescentar: fé, esperança e caridade, comunhão, serviço, missão, santidade.

Uma Diocese dá fruto quando uma criança aprende a rezar, quando um jovem descobre uma vocação, quando uma família reencontra a fé, quando alguém regressa à Igreja, quando um pobre é acolhido, quando um doente não é esquecido, quando duas pessoas se reconciliam, quando um sacerdote é acompanhado e ajudado, Quando um leigo descobre que pode servir, quando alguém que nunca entrou numa igreja encontra, através de um cristão, uma porta aberta para Cristo. É assim que a vinha dá fruto.

10. Maria, mulher da peregrinação

E permitam-me terminar voltando a Fátima. Ontem, como peregrinos, a diocese de Viseu esteve junto de Maria. Maria conhece o caminho. Ela própria foi peregrina da fé. Também ela teve de caminhar sem compreender tudo, teve de confiar. Também ela conheceu a alegria e a dor. Ela permaneceu de pé junto da cruz e também ela recebeu o Espírito Santo com a Igreja nascente. Por isso, Maria não é simplesmente o lugar onde chegamos. Maria é aquela que nos ensina a partir.

Ela conduz-nos sempre a Jesus. Em Fátima, como nas Bodas de Caná, a mensagem de Maria continua a ser essencialmente esta: fazei aquilo que Ele vos disser. E hoje, aqui em Viseu, depois da peregrinação, é como se Maria nos dissesse: “Agora regressai. Regressai às vossas famílias. Regressai às vossas comunidades, ao vosso trabalho. Regressai à sociedade. E fazei aquilo que Ele vos disser.”

Conclusão

Queridos irmãos e irmãs,

Ontem a Diocese de Viseu foi peregrina. Hoje somos enviados. Ontem fomos até Maria. Hoje, com Maria, voltamos para Cristo. Ontem apresentámos ao Senhor os nossos pedidos. Hoje recebemos d'Ele uma missão. A vinha é do Senhor. E o Senhor confia-a às nossas mãos. Que ninguém diga: “Isto não é comigo.” É contigo. É comigo. É connosco.

Porque pelo Batismo todos recebemos uma vocação. Todos somos chamados à santidade. Todos somos chamados à comunhão. Todos somos chamados à participação. Todos somos chamados à missão.

Peçamos ao Senhor que esta Diocese de Viseu seja uma vinha cada vez mais fecunda. Uma Igreja que não viva fechada sobre si mesma. Uma Igreja que saiba caminhar junta, em comunhão. Uma Igreja que escute, que acolha, que forme, que envie. Uma Igreja onde cada batizado descubra que tem um lugar e uma missão.

E que, quando o Senhor vier procurar os frutos, possa encontrar em nós não “uvas bravas”, mas frutos de fé, de esperança e de caridade, frutos de comunhão, de serviço, de missão. Frutos de santidade.

Que Nossa Senhora, Mãe da Igreja e Senhora de Fátima, acompanhe esta Diocese de Viseu no seu caminho.

E que Deus nos conceda a graça de sermos, verdadeiramente, como disse o Papa Bento XVI no dia da sua eleição: “humildes trabalhadores na vinha do Senhor”, bons trabalhadores na sua vinha.

Ámen.